



A Beleza Masculina e o Cuidado de si em Foucault

¹Stephanie Dianny Pereira de Araújo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a construção de um Ideal de Beleza Masculina, partindo da ideia de cuidado de si, juntamente com a problematização sobre o que Foucault traz no que concerne a concepção do ideal de *parresía* no dizer - a - verdade. Sendo assim, os debates teóricos que irei trazer no decorrer do presente artigo seguem pela perspectiva de autores como Michel Foucault e Nobert Elias. Utilizarei Foucault para tecer a problematização de dois conceitos que serão recorrentes no decorrer da narrativa desse artigo: que são o de biopolítica e o conceito de cuidado de si, partindo da ideia da prática de si; já Elias será utilizado para entender a ideia de civilidade no que concerne a discussão de controle social e de autocontrole. Com isso, o presente trabalho se caracteriza em ser um produção que perpassa por problematizações trazidas pelo advento da História Cultural, entendendo a cultura e o estudo dos determinados grupos a ela participantes, importantes para se entender o meio a que eles se dispõe.

PALAVRAS – CHAVE: *Parresía*, Revista *O Cruzeiro*, Beleza, Masculinidade, Cuidado de si.

1.1 – Biopolítica, Controle e Autocontrole: Ideias sobre a Civilidade em um país buscando o Progresso

As linhas que irão compor esta narrativa nasceram através da pesquisa que venho desenvolvendo ao longo do meu mestrado no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Campina Grande, que tem por objetivo analisar a construção da estética do corpo masculino no período de 1928 a 1933. Entretanto, como trata-se de uma pesquisa ainda em andamento será mencionado a utilização de apenas uma fonte, no caso a *Revista O Cruzeiro*. Sendo assim, proponho a pensar a ideia de beleza masculina analisando o conceito de cuidado de si em detrimento a concepção de *parresía*, ambas problematizações trabalhadas sob uma perspectiva foucaultiana. Serão abordados outros conceitos, como o de biopolítica, ainda sob um viés foucaultiano, e o conceito de civilidade pensando nos dispositivos de controle de

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Geografia e História da Universidade Federal de Campina Grande – PPGH. Email: stephanie.diianny@gmail.com

autocontrole trazidos por Elias. Também abordarei, neste artigo, uma das metodologias que pretendo trabalhar ao longo de minha pesquisa: a narrativa.

Desta maneira, os debates teóricos que irei trazer do artigo seguem pela perspectiva de autores como Michel Foucault e Nobert Elias. Utilizarei Foucault para tecer a problematização de dois conceitos que serão presentes tanto na minha pesquisa quanto no artigo: que são o de biopolítica e o conceito de cuidado de si, partindo da ideia da prática de si; já Elias será utilizado para entender a ideia de civilidade no que concerne a discussão de controle social e de autocontrole.

Para fazer uma breve discussão do contexto histórico pelo qual resolvi debruçar-me em meus estudos, resolvi trazer um pouco sobre as novas concepções e novas ideias trazidas pelo moderno. Sendo assim, pode-se perceber que as cidades do Brasil, como a capital do Rio de Janeiro – cenário que a Revista *O Cruzeiro* tem sua criação -, passavam por transformações modernizadoras, orientadas por modelos parisienses da Belle Époque. A capital do Rio de Janeiro mostrava-se como um eixo de irradiação e caixa de ressonância das transformações em marcha pelo mundo, sendo assim, um palco de visibilidade e atuação em território brasileiro. Desta maneira, essa “transformação” do cenário brasileiro tinha por objetivo fazer do país algo “para estrangeiro ver”, que fosse local de atratividade para investimentos nas metrópoles brasileiras, alavancando a modernização das mesmas. Com isso, houve a inclusão de avenidas, alargamento de ruas, e, até, modernização nas arquiteturas residenciais. Ou seja, a maior pretensão as elites intelectuais brasileiras, era dar ao Brasil a cara de um país urbano e moderno, ou melhor, cosmopolita.

Com a instauração da República no Brasil, nos finais do século XIX para início do século XX, mais precisamente no ano de 1889, conceitos, que vinham da Europa em sua maioria, como o caso da Inglaterra que já tinha vivido a experiência de duas Revoluções Industriais; e da França, que estava em pleno desenvolvimento do contexto moderno tanto no lado social como econômico, as ideias de civilização e progresso passaram a pairar na mente da elite intelectual brasileira. Passa-se a planejar, então, a formação de um país que deveria adentrar ao novo, esquecendo-se do velho; um país, em suma, aos moldes europeus.

Sendo assim, impactados com o advento, em meados dos anos de 1870, da chamada Segunda Revolução Industrial, também intitulada como Revolução Científico – Tecnológica, na Europa, com ênfase na Inglaterra, o Brasil, ou seja, a elite brasileira, sente a necessidade de caminhar aos moldes europeus no processo de

civilização e modernidade do país. Segundo Sevcenko a “[...] Revolução Científico-Tecnológica se faz sentir na sua plenitude, alterando tanto os hábitos e costumes cotidianos quanto o ritmo intensidade dos transportes, comunicações e do trabalho [...]”²

Dentro dessas perspectivas de mudanças e buscas por um novo país, houveram a presença de novas concepções de comportamento e formas de receber o meio moderno que estavam a surgir. Muitas dessas mudanças foram pensadas por uma elite intelectual composta por médicos sanitários, passando desenvolver no Brasil pensamentos como eugenia brasileira e, assim, correntes como o positivismo comtiano, darwinismo social spenceriano e a antropologia criminal lombrosiana, passaram a nortear o pensamento dessa elite intelectual atuante no Brasil.

A maior pretensão desse grupo de estudiosos era a associação dos problemas ocorridos socialmente, com os problemas de envolviam a saúde individual, como é o caso das constantes epidemias. As habitações populares passaram a ser o grande alvo de médicos sanitários, sendo considerados como ambiente propício para as doenças e práticas denominadas “promíscuas”. Os ideais de civilidade e progresso passaram a permear os objetivos dessa elite intelectual brasileira. Sendo assim, como os indivíduos passaram a conviver novas concepção que os levavam ao autocontrole o controle daqueles que estavam inseridos, também, nesse meio modernizador.

Para discutir o conceito de civilidade empregado nesse momento, trago a problematização feita por Elias quando ele diz que:

[...] o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comporta-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido.³

O resultado dessa elite intelectual, formado por médicos sanitários, no cotidiano dos indivíduos para o condicionamento moral e ético a ser adotado, têm-se a concepção de

² SEVCENKO, Nicolau. *Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*.

In: _____ **História da Vida Privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. 1.ed. São Paulo, SP, 1998

³ ELIAS, Nobert. *Capítulo I. Do Controle Social ao Auto Controle*. _____ In: **Processo Civilizador II: Formação do Estado e Civilização**. Trad: Ruy Jungmann. 1ed. Rio de Janeiro, RJ. Zahar, 1998(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

políticas higienista e sanitaristas, que não tinham só como intuito preservar a saúde corporal do indivíduo, como também os comportamentos que seriam colocados como aceitos e aqueles que se mostrariam avessos a todas essas concepções; ou seja, comportamentos que eram ditos como desviantes de uma sociedade moral, civilizada e moderna:

No empreendimento da regeneração física, intelectual e moral a que se dedicam os homens da ciência, nas primeiras décadas de século XX, não bastou ver, foi necessário registrar a realidade nua, crua, suja e triste, como também as intervenções por meio das quais se buscava reinventá-la⁴

Tendo em vista toda essa questão da adaptação do indivíduo, e sua relação com a nova forma de vida e urbanizada, o seu corpo passa a ser constantemente autocondicionado; homens e mulheres passam a se vigiar (e porque não dizer, vigiar aqueles que o cercam) para evitar certos comportamentos que viessem a infligir esses padrões pré-estabelecidos.

Desta maneira, o conceito de biopolítica trazido por Foucault, onde o corpo passa a ser considerado através de sua “[...] mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar [...]”⁵, pode ser aplicado para se entender essa forma de se ver enquanto indivíduo moderno. Essa vigilância passa está aplicada na saúde do indivíduo, como também na sua higiene, e nas novas formas de se relacionar com o seu corpo, o considerando como receptáculo de concepções do moderno.

A passagem do meio rural para os modernismos da vida urbana levantava suspeitas quanto à masculinidade do homem. O conforto e a comodidade poderiam esmaecer a vontade masculina. Segundo Elisabeth Badinter, “[...] para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual”.⁶ Por isso, muitos desconfiavam das vantagens trazidas pelos meios de transporte. Tendo em vista as imagens dos homens habituados às rudezas das matas, os senhores do meio urbano eram considerados destituídos de coragem. Desta maneira, “os

⁴ ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A Higienização dos Costumes**: Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925). Campinas, São Paulo. Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2003

⁵ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão: José Augusto Guilhon Albuquerque. 5ª ed, Rio de Janeiro, RJ

⁶ BADINTER, Elisabeth. *Que é um Homem?* In: _____ **XY Sobre a Identidade Masculina**. 1ed. Trad: Maria Ignez Duque Estrada, Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1993

homens fracos, débeis, delicados, impotentes e frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim, não sobreviveriam [...]”⁷

Desta maneira, aliados às preocupações higiênicas, inúmeros cuidados com o corpo, como é o caso da beleza, tendem a ser tratados na esfera do medicinal. Ou seja, passa-se a ser criados “medicamentos” que auxiliavam na obtenção da beleza, ou reforço da beleza de “nascença”. Nesse contexto modernizante, não haveria desculpas para não ser bonito (a). Mesmo não nascendo belo (a) poderia torna-se belo (a).

1.2 – O Belo e o Cuidado de si: A *Parresía* em Foucault

A modernidade trouxe uma nova concepção do que seria o belo. Ou seja, como o sujeito deveria se portar consigo mesmo para, assim, atingir o belo considerado moderno, para o modelo de beleza do século XX. O beleza para a modernidade se comporta como uma revelação de si; a consciência de uma interioridade bruscamente ampliada. Baudelaire problematiza o que seria a beleza, para ele, enquanto espectador daquele momento de mudanças significativas:

[...] o belo inevitavelmente sempre tem uma dupla dimensão, embora a impressão que produza seja uma, pois a dificuldade em discernir os elementos variáveis do belo na unidade de impressão não diminui em nada a necessidade da variedade em sua composição. O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja a quantidade é excessivamente difícil de determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinativamente, a época, a moda, a moral, a paixão.⁸

Sendo assim, a beleza tanto poderia ser adquirida por um processo natural do indivíduo moderno, ou seja, uma beleza de nascença; ou uma artifício que a moda poderia permitir. Segundo Vigarello, a Beleza viria a ser “uma característica central da modernidade, e abrigando cada um a ‘se inventar a si próprio’”.⁹ Desta maneira, a beleza moderna demonstrada da Revista *Cruzeiro*, está ligada ao cuidado consigo, a uma forma de interiorização da reflexão que se tem consigo próprio; seria uma prática que cabe apenas ao indivíduo o cuidado de si:

⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. *A Invenção de um Macho*. In: _____ **Nordestino: invenção do “falo”:** **Uma História do gênero Masculino (1920-1940)**. 2ed, São Paulo, SP. Intermeios, 2013.

⁸ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo, SP.

⁹ VIGARELLO, Georges. *Capítulo I – A beleza romântica*. In: _____ **História da Beleza: O Corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje**. Trad: Léo Schlafman. 1.ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora, 2006
contato@coprecis.com.br



A velha noção “sublime”, considerada há muito como orientadora do belo e incremento da nobreza ou da grandeza, torna-se aqui descoberta quase que psicológica, extensão do pequeno espaço pessoal, sentimento íntimo desdobrado em brusca “ampliação” de si.

Para Foucault¹⁰, ao estudar as sociedades gregas e seu cuidado consigo, envolvendo, assim, o cuidado com sua própria alma, [...] o homem deve velar por si mesmo”. O sujeito deveria assumir uma atitude individualista, “[...] caracterizada pelo valor absoluto que se atribui ao indivíduo em sua singularidade e pelo grau de independência que lhe é atribuído em relação ao grupo ao qual ele pertence ou as instituições das quais ele depende”. Foucault também irá discorrer sobre o sujeito transformando-se em objeto de conhecimento – do seu próprio conhecimento -, pois será um campo “[...] de ação de transforma-se, corrigir-se, purificar-se, e promover a própria salvação”¹¹.

Nessa prática de conhecer a si mesmo, Foucault também irá problematizar a ideia de *parresía* quando ele parte do conhecimento si para dizer a verdade sobre si. Desta maneira, Foucault considera que “[...] para dizer a verdade sobre si mesmo e conhecer a si mesmo, precisamos de um outro que devemos ir buscar em qualquer lugar [...]”¹². A ideia de *parresía* e a personagem desse outro, mostra-se como indispensável para que se possa dizer a verdade sobre si, apesar do caráter flutuante variável desse outro. Foucault considera que a *parresía* seria [...]”¹³ como elemento constitutivo do dizer-a-verdade sobre si, ou, mais precisamente, como elemento qualificador do outro necessário no jogo e na obrigação de dizer a verdade sobre si.”¹⁴

Sendo assim, a beleza se apresentará, no contexto moderno, como uma forma de transformar-se, abrindo as portas para o novo. Mas também de purificar-se, pois o indivíduo deixa de lado heranças do antigo, trazendo a salvação e a luz para o sujeito moderno. Concepções modernas utilizam-se da beleza para fazer valer os conceitos trazidos por essa dita modernidade.

Desta maneira, ao problematizar o conceito da beleza de Vigarello e essa atribuição que ele faz da beleza como um ato de cuidar de si próprio, pode-se fazer uma correlação da

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão: José Augusto Guilhon Albuquerque. 5ªed, Rio de Janeiro, RJ

¹¹ *Ibidem*;

¹² FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso m no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011

¹³ *Ibidem*;

¹⁴ *Ibidem*;

definição de cuidado de si trazida por Foucault, quando ele dá continuidade na sua concepção sobre o que seria a cultura de si, com seu cuidado individualista. Foucault mostra que o cuidado de si passa a adquirir um alcance amplo, pois:

[...] o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes: ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver: desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que rem refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele propiciou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber.¹⁵

A beleza com a qual pretendo problematizar ao longo do meu trabalho dissertativo será a beleza do cuidado de si, uma beleza que será definidora de um modo de se comportar, uma forma de viver, e práticas que devem ser ensinadas, aperfeiçoadas e repassadas como uma prática social intrinsecamente ligada ao contexto moderno. Ou seja, a beleza moderna passará a ser definidora de um entendimento como se processava esse ideal de beleza masculina para o contexto dos anos de 1928 a 1933. Houve, assim, uma transformação nas sensibilidades dos indivíduos que estavam inseridos nessa trama moderna. A experiência urbana passou a ser educadora dos sentidos e sensibilidades das pessoas, nela pode-se perceber marcos da modernidade. A visão foi um dos sentidos mais aguçados pelo sujeito moderno. Através da visão se passavam personagens que circulavam pelos centros e pelas periferias das cidades; as transformações ocorridas no cenário urbano também foram capturadas pela visão dos transeuntes.

Sendo assim, esse conhecimento de si partindo da concepção trazida por Foucault sobre o que concerne ser a *parresía* e a importância da personagem desse outro, mostrando-se como indispensável para que se possa dizer a verdade sobre si, principalmente quando ele fala que a “[...] cultura de si na qual se vê formular, se desenvolver, se transmitir, se elaborar todo um jogo de práticas de si”¹⁶, pode ser intercalado com a questão trazida por Elias sobre o controle e autocontrole quando o mesmo considera que:

[...] o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva

¹⁵ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão: José Augusto Guilhon Albuquerque. 5ª ed, Rio de Janeiro, RJ

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France, 1983-1984*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (85) 3322.3222 contato@coprecis.com.br

por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada.¹⁷

Desta maneira, a beleza do homem moderno passará por um processo de conhecimento de si e de controle e autocontrole; entendendo que esse autocontrole perpassa pela controle exercido pelo outro, no ato da tentativa de extirpar toda e qualquer atitude, prática ou comportamento desviante partindo do conhecimento que o outro tem daquele com o qual o solicita.

1.3 – Metodologia: Narrativa

Com relação a metodologia que adotarei em minha pesquisa, objetivando responder as questões presentes na problemática, optei por trabalhar com a narrativa. Sendo assim, para entender a ideia sobre narrativa, trazia por Hartog, compreendo que a narrativa passa a questionar “[...] os grupos sociais, não mais com a sequência dos acontecimentos em sua superficialidade, mas o ‘fato social total’”¹⁸. Sendo assim, operacionalizando com MacLaren entendo que as narrativas, pela perspectiva que adotarei ao longo do meu trabalho serão:

Como inscrições hegemônicas, as narrativas fazem linhas de forças legíveis que se entrecruzam, cortam, congelam, prendem e reprimem o poder. Como produto de formações discursivas e de práticas sociais localizadas em interesses materiais, as identidades estão localizadas em redes de poder social historicamente contínuas e pragmaticamente dispersas.¹⁹

Ao analisar como as narrativas presente na Revista *O Cruzeiro*, percebo que ela a ser uma produtora de [...] projetos de interesses, como práticas textuais e atos sociais simbólicos ligados a prática da teoria e a teorização da prática²⁰. Assim como declara MacLaren, eu estarei dialogando com o que o mesmo chama de “economia narrativa de identidades textuais”²¹ As narrativas nos ajudam compreender e representar o mundo; nos faz lembrar e esquecer dos seus prazeres quanto dos seus horrores. São elas que nos possibilita transformar a carga de que temos em conhecimento no ato de narrar.

¹⁷ ELIAS, Nobert. *Capítulo I. Do Controle Social ao Auto Controle*. _____ In: **Processo Civilizador II: Formação do Estado e Civilização**. Trad: Ruy Jungmann. 1.ed. Rio de Janeiro, RJ. Zahar, 1993

¹⁸ HARTOG, François. “A arte da Narrativa Histórica”, in: BOUTIER, J.&JULIA, Dominique. *Passados recompostos*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, FGV, 1998.

¹⁹ MACLAREN, Peter. *Capítulo 4: Disputas de Fronteiras: narrativa multicultural rasquachismo e pedagogia crítica na América do Norte pós-moderna*. In: _____ **Multiculturalismo Crítico**. Trad: Bebel Orofino Schaefer. 1.ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999. P.179

²⁰ Ibidem;

²¹ Ibidem;

Atribuindo a narrativa a perspectiva de contrato cultural entre pessoas e grupos onde envolve todo o universo social ao qual o sujeito está envolvido, entende-se que é pela narrativa que a Revista *Cruzeiro* formará todo um projeto do que seria a beleza masculina. Isso não apenas em anúncios propagandistas como, também, em toda uma circulação de ideias que envolve crônicas, notas de falecimento, apresentação de formas de ver e sentir o moderno. Segundo McLaren, “[...] todas as identidades culturais pressupõem uma certa intencionalidade narrativa e são informadas por histórias particulares.”²²

Para MacLaren, “[...]todas as identidades culturais pressupõem uma certa intencionalidade narrativa e são informadas por histórias particulares”²³. As identidades fazem parte do resultado tido pela narrativa da vida social; elas [as narrativas] falam de quem nós somos e quem passamos a ser. Sem a narrativa não é possível identificar nossa ação social como agentes da história, assim como também as restrições que colocamos nas identidades do outro.

Ao trabalhar com contexto das identidades masculinas, pude perceber que elas não determinam como elas são representadas, [...] “mas exerce um papel em suas inscrições retóricas”²⁴, penso que o Ideal de Beleza Masculina, está sendo colocado pelas narrativas da Revista *O Cruzeiro*, como uma forma de pedagogizar o homem moderno. As narrativas são lugares não apenas particulares, mas que podem ser habitadas, e habitantes. O grau que se resisti a elas dependerá de como os sujeitos serão capazes de lê-las e reescrê-las. No caso da pesquisa que venho desenvolvendo, analisarei como as narrativas da Revista *O Cruzeiro*, que irão ser lidas e reescritas nos corpos dos homens modernos a partir de um ideal de beleza masculino ditado para a época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. *A Invenção de um Macho*. In: _____ **Nordestino: invenção do “falo”: Uma História do gênero Masculino (1920-1940)**. 2ed, São Paulo, SP. Intermeios, 2013.

²² MACLAREN, Peter. *Capítulo 4: Disputas de Fronteiras: narrativa multicultural rasquachismo e pedagogia crítica na América do Norte pós-moderna*. In: _____ **Multiculturalismo Crítico**. Trad: Bebel Orofino Schaefer. 1.ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999

²³ *Ibidem*;

²⁴ *Ibidem*; (p.192)



ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. *Michel Foucault e a Mona Lisa ou Como escrever a história com um sorriso nos lábios*. In: _____

ARAÚJO, E.C. *Que busco eu com toda essa assassina fúria de macho? a traição feminina, a linguagem falocêntrica e práticas da masculinidade*. In: _____ In: **Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar!:** **homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. 1ed, Campina Grande, PB, 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades
BADINTER, Elisabeth. *Que é um Homem?* In: _____ **XY Sobre a Identidade Masculina**. 1ed. Trad: Maria Ignez Duque Estrada, Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1993.

BRETON, D. Le. *As fontes de uma representação moderna do corpo: O homem anatomizado*. In: _____ **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad: Fábio dos Santos Creder Lopes. 2. Ed, Petropolis, RJ. Editora: Vozes, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro, RJ. Editora: Paz e Terra, 1996. — (Coleção Leitura)

ELIAS, Nobert. *Capítulo I. Do Controle Social ao Auto Controle*. _____ In: **Processo Civilizador II: Formação do Estado e Civilização**. Trad: Ruy Jungmann. 1ed. Rio de Janeiro, RJ. Zahar, 1993

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão: José Augusto Guilhon Albuquerque. 5ªed, Rio de Janeiro, RJ.

. _____ **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão: José Augusto Guilhon Albuquerque. 5ªed, Rio de Janeiro, RJ.

. _____. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso m no Collège de France (1983-1984)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011

HARTOG, François. “A arte da Narrativa Histórica”, in: BOUTIER, J.&JULIA, Dominique. *Passados recompostos*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, FGV, 1998.

MACLAREN, Peter. *Capítulo 4: Disputas de Fronteiras: narrativa multicultural rasquachismo e pedagogia crítica na América do Norte pós-moderna*. In: _____ **Multiculturalismo Crítico**. Trad: Bebel Orofino Schaefer. 1.ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, Cláudia de; LINS, Vera; VELLOSO, Monica Pimenta. “**O Moderno em Revistas- Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**”. Rio de Janeiro, RJ; Ed: Garamond, 2010

RASPANI, M. Pinna. *O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil*. In: _____ **História dos Homens no Brasil**. 1.ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2013.

ROCHA, H. P. Capítulo 4: *A exposição dos comportamentos exemplares*. In: _____ **A higienização dos Costumes: Educação escolar e saúde do Projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925)**”. Companhia das Letras. São Paulo: Fapesp, 2003.



COPRECIS
COMISSÃO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

SANT'ANNA, D. Bernuzzi. *Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e República*. In: _____ **História dos Homens no Brasil**. 1.ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2013.

SANT'ANNA, D. Bernuzzi. **Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. 2.ed. São Paulo, SP. Estação Liberdade, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: _____ **História da Vida Privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. 1.ed. São Paulo, SP, 1998

VIGARELLO, Georges. *Capítulo I – A beleza romântica*. In: _____ **História da Beleza: O Corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje**. Trad: Léo Schlafman. 1.ed. Rio de Janeiro, RJ. Ediouro, 2006.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br